Anjinhos da noite

Era uma manhã preguiçosa de domingo como qualquer outra. O dia não havia se dado conta, o tempo que se apressa não estava em câmera lenta e a rotação da Terra não havia mudado de direção, mas seguia em contramão na calçada da procissão paroquial, Zumbi. Ele se perguntava se poderia mudar a direção em que a Terra gira se convencesse toda a multidão daquela calçada a seguir na direção contrária e, se a Terra girasse para trás, o tempo voltaria no tempo?
Zumbi caminhava olhando para o chão como se esse fosse seu novo horizonte e ignorava o caminho de sal que lágrimas haviam deixado em seu rosto até então:

- Não se lavou hoje, homem? - Inácio lhe deu um tapinha nas costas - Não tem problema, não há de se demorar.

Ao todo, eram meia dúzia, Inácio, os dois filhos e a esposa, o ministro e Zumbi. Na verdade, eram oito, mas Zumbi já sentia a memória das filhas esvaindo-se, consumidas pelo calor da febre que também as queimou os corpos, fundidas na terra que não floresceria. A cor ainda não havia lhes deixado as bochechas, nos seus melhores trajes e com coroas de flores, pareciam dançar com os anjos nos seus sonhos, apenas o toque gelado não deixava dúvida que já faziam parte da noite. As palavras do ministro eram, mais ou menos, essas e Zumbi sorriu à ironia: ele também era parte da noite, o mundo era cego ou era ele que era escuro demais. Pro resto da calçada paralela em direção à rotação da Terra, que diferença havia entre ele e suas filhas? Elas deixaram de existir e ele ainda não existia, logo elas também jamais teriam existido.

O caminho de sal agora se pronunciava mais em suas bochechas. Olhou para o céu para ver se o Sol lhe secava o rosto e então avistou a sua adjacente um que não era cego, ele se escondia em sua caixa preta e também não podia ser visto. Zumbi nem se deu conta dos passos que o levaram até aquele estranho cúmplice, olhou-o nos olhos através do orifício da caixa preta e lhe disse:

- Tira um retrato meu com meus anjinhos? Não quero nos esquecer.

"Você está bem?"
"Estou e você, como está?"
"Eu to bem, cansado, cheio de coisas pra fazer."

Responda-me em detalhes, tome horas do meu tempo, quero saber como a vida tem te tratado, estou farta da mesma resposta rasa, dessas que oferecemos

cordialmente a quem não quer de fato saber... Cansado do que? Ocupado com o que? Presenteie-me com os detalhes mais triviais, me olha nos olhos, como fez outrora, e despe-se da simpatia que não te resume, tu, que já se fez nu de alma; diante das lentes da minha câmera, eu te olhava nos olhos, naquele estúdio abafado dentro de um espaço limitado por metros quadrados, se fez imensidão diante de mim, desde então, tua cordialidade não me basta.

Se choro a tua dor, ainda que não a compreenda, é, pois não posso evitar a ardência salgada nos olhos quando enxergo a pele mais barata do mercado diante de mim, labutada, inacreditavelmente invisível. Meus pensamentos voam até você e choco com a lembrança que para você é cotidiano, tão latente que, por vezes, te entorpece, choro, pois te invisibilizam na tua pluralidade, te resumem a melanina e te apunhalam, te calam, te sufocam, te matam.

Não só tu.

Mas foi tua cabeça que repousou em meu colo e permitiu à minha mão o afago dos teus cabelos crespos, cheios de latejo e resistência, foram teus olhos, sempre semicerrados, que olharam nos meus gigantescos e ávidos e me proporcionaram compreensão, foram teus lábios carnudos que redefiniram o gosto de canela e reconheceram nos meus uma gostosura pálida da qual fizeste graça, e é no tom da tua voz que meu conhecimento ecoa no dia-a-dia e ressona autoria toda vez que sou ouvida ante tu. Tua luta, no meu viver, tem teu rosto.

Amar-te e querer-te foi decisão involuntária do corpo animal, instinto e emoção. Eu não sabia que te amava e hoje não me importa mais se meu afeto foi tiro pro alto, reciprocidade é utopia tão rasa perto da marca preta que deixou em meu espírito-consciência, como se isso fosse capaz, expandiu minha humanidade.

Toda vez que te lembro, latejo em poesia masoquista, me desperto melancolia. Minha memória só sabe te envolver em saudades e carinho guardados pra te encontrar na mesa de um bar, tomar um bom vinho que nos desinibe e ouvir "como está" sem que se prolongue por menos de algumas horas. Se esse bar não existe e se essas horas estão perdidas no tempo antes mesmo de se tornarem passado, sei que vai deixar de importar, há de bastar, hei de vibrar livre da desconfiança e do desconforto, desejarei que teu sorriso perdure e germine. Menino, esse foi teu maior bem doado.

no title.

We were supposed to be great
You and I
Though I heard that’s what happens when a tornado meets a hurricane
You couldn’t help, but swallow me

I couldn’t help, but to be drawn to you
Trying to work out your mess
Neglecting my own
So we could be great
Like we were supposed to be
I suppose we were actually just supposed to be.

0511

Lembra daquele jardim?

Aquele que encontramos perdidos, onde dividimos um cigarro e observamos os cachorros que brincavam com seus donos enquanto você, inebriado pela nicotina, e — estando em São Paulo, não podemos deixar de considerar o ar espesso de gasolina queimada, chuva ácida, café torrado, embriaguez e o amor que não existe — me confessava teus segredos mais íntimos e abraçava meus ombros caídos sobre teu peito onde também repousei minha cabeça como se estivesse diante do meu travesseiro mais surrado e tomado de minha forma.

Tu me dizias dos teus traumas com um sorriso nervoso nos lábios que eu beijava tentando engolir os demônios. Ao fim de um cigarro, acendíamos outro, com medo que se esvaísse o jardim, partissem os cachorros e nos faltasse tempo. Prolongamos todos os minutos que leva um maço de cigarros para se esgotar e então, para burlar o ponteiro que se apressava, olhamos em volta e nos constatamos perdidos, só para justificar o caminho mais longo que tomamos em protesto aos pés cansados e as meias palavras trocadas em cada esquina com um estranho diferente, na esperança que nos apontassem caminhos opostos que, de alguma maneira, nos retornaria ao jardim.

Nunca mais encontramos aquele jardim, também não o procuramos e repreendi o olhar ávido quando retornei àquela rua que nos perdemos, por acaso. O ônibus que me leva a rotina de agora passa sempre em adjacente a essa rua, procuro no ar o cheiro do cigarro mentolado, pauso a música pra ver se escuto o latido do buldogue que nos confidenciou durante aquele pôr-do-sol e eu até olho para meus pés e pergunto silenciosamente se eles se lembram do caminho, mas eu nunca fui atrás do jardim que, como só sabemos tu e eu e aquele buldogue francês, não era um jardim, o céu provavelmente nem estava tão bonito e, provavelmente, havia barulho da pressa que ronda Pinheiros as seis da tarde de uma... Que dia era?

Eu mal me lembro do não-jardim, mal me lembro do teu rosto nesse dia, mas lembro muito bem do buldogue e do cercado de ferro azul cheio de areia no qual ele brincava. Eu me lembro dos nossos tênis all-star surrados e da calça rosa estampada que usei para dormir na noite anterior, lembro que fazia frio, pois eu estava de moletom cinza e era maio, não era? Mas eu sentia calor, era sempre

novembro nos teus braços. Afinal, eu não me lembro de jardim nenhum, pois não havia jardim, mas houve tu e eu, um maço de cigarros, tênis surrados, maio no meu moletom e novembro na tua nuca suada, teu semblante mais sereno, um buldogue e tuas confissões mais íntimas em meio a minha inquietação, pois estávamos perdidos e eu precisava chegar em casa às 18h, já eram 18h19.
Lembra desse jardim?

Longe de casa

Afinal, o que é que muda de um país para o outro se somos todos humanos habitantes de um mesmo mundo? Bom, com a minha experiência aprendi que muda muito, muda quase tudo e se é tudo diferente como posso dizer o que é melhor e o que é pior? Não é plausível de comparação nem divisão entre colunas de prós e contras, mas posso te contar sobre quem fui, quem estou me tornando e quem sou nessa jornada.

Não parecia muito real até estar observando do banco de trás do carro dos meus pais, a paisagem que corria com pressa, o sol que se punha, a lua que subia timidamente no céu alaranjado, meio roxo, meio de todas as cores. O primeiro nó na garganta nasceu no começo do estômago, estava mesmo indo, não importa que breve, não importa que com data marcada pra voltar, era um adeus, uma despedida dos hábitos viciados do dia a dia, das fotos Polaroid do meu aniversário na cabeceira da minha cama, das histórias que aconteceriam sem mim, de todos os céus de todas as cores que não veria. Um adeus para o conforto da familiaridade.

Talvez, até então, tudo tenha soado meio negativo, muito triste, quase como se eu não quisesse partir, na verdade, parte de mim teve mesmo muito medo de fazer aquele check-in, mas se tratava de um sentimento ambíguo, em todo adeus existe uma boas-vindas à espera do outro lado, mas que outro lado distante, há um oceano e algumas fronteiras de distância.

Decidir me abster das comparações e deparei com pensamentos sobre pertencimento, estou quase que constantemente imersa em uma troca, mas falta a cumplicidade de dividir a identidade e, talvez, por isso seja constante. O renovar da rotina é um processo de autoconhecimento, descoberta de novos limites e é nesse momento que descubro mais sobre quem sou, a cada oportunidade de contar sobre minha cultura que tanto interessa aos novos amigos.

Sim, amigos, tão gentis quanto os que me esperam em casa, dividem os mesmos interesses, mas não bastam e, às vezes, parece que falta ou sobra um pedaço. Ainda que rodeada de milhares de pessoas nas quais sou entretida a todo instante com nuances, que nunca imaginei encontrar, me pergunto se um dia pertencerei tão genuinamente aqui quanto pertenço ao meu berço, se um dia

minha forma se adequará a desses novos amigos tanto quanto sou encaixe perfeito para aqueles de onde vim.

A resposta de todos meus questionamentos, talvez, eu não descubra até minha partida, meu próximo adeus e, por isso, não me a pego a eles. Sei que, quando voltar, vou descobrir sobre as saudades daqueles que ficam e vou entrar em um novo processo, aos poucos vou chegando ao entendimento de que viver é impactar e se permitir ser impactado. Viver é trocar.

A Saudade Daqueles que Ficam

Muito se fala sobre aqueles que vão, os que decidem partir e deixam pra trás tudo de conhecido e previsível, um ato tão carregado de braveza que priva àqueles que ficam do direito ao luto, esquecem-se que para quem fica também falta um pedaço, para quem fica também existem histórias que não serão compartilhadas, novidades das quais não farão parte.

Na maior parte das vezes, ficar não é uma escolha e o abraço de adeus não quer segurar, mas quer ir junto. Na saudade de quem fica não existe solidão, mas existe abandono - que de abandono nada tem de concreto, a não ser a ausência e um sentimento de injustiça para com o mundo que fez as fronteiras tão distantes uma das outras.

A separação física é natural e inevitável em algum ponto da vida e a saudade é um abismo mediado por uma ligação que pode levar até o outro extremo através das lembranças e do sentimento, muito menos volátil do que a permanência. Na outra ponta encontra-se tudo do outro, menos o físico e é nesse momento que a saudade lateja, mas saudar não dói. É o cotidiano que capenga sem a terceira perna de um tripé, aquela com a qual, não é confortável, mas se pode viver sem.

Na saudade de quem fica nada muda, mas está tudo diferente.